

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Área de Inglês

CAROLINE MOREIRA EUFRAUSINO

**(Re)construção da subjetividade feminina:
desmantelando o patriarca nos contos de
Claire Keegan**

**São Paulo
2009**

CAROLINE MOREIRA EUFRAUSINO

**(Re)construção da subjetividade feminina:
desmantelando o patriarca nos contos de
Claire Keegan**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à
área de Graduação de estudos Lingüísticos e
Literários em Inglês do Departamento de Letras
Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Área de concentração: O conto irlandês.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Patrícia Zuntini Izarra

**São Paulo
2009**

RESUMO

EUFRAUSINO, C. M. **(Re)construção da subjetividade feminina: desmantelando o patriarca nos contos de Claire Keegan**. 2009. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Será analisado neste Trabalho de Graduação Individual (TGI) o conto “Men and Women”, do livro *Antarctica*, da escritora irlandesa contemporânea Claire Keegan. Durante o conto, a autora retrata a perspectiva de uma mulher que resiste a estrutura familiar patriarcal em um momento de transição da sociedade irlandesa de rural para urbana. Keegan discute em muitos de seus contos as tensões e ambivalências existentes no interior de uma Irlanda que, mesmo face ao mundo moderno, ainda mantém a estrutura familiar patriarcal em que a mulher é enclausurada em um ambiente privado e somente o homem está exposto a esfera pública da sociedade. Em “Men and Women”, o foco na narrativa é dado a uma família rural que sofre o processo de desestruturação do ‘conservadorismo patriarcal’ o qual se reflete especialmente na estrutura do conto. A pergunta norteadora da pesquisa é: em que medida a manutenção de certos valores e tradições do passado (re)constrói a identidade da mulher na Irlanda contemporânea?

Palavras-chave: Irlanda; Claire Keegan; mulher; patriarcalismo.

ABSTRACT

EUFRAUSINO, C. M. **(Re)construção da subjetividade feminina: desmantelando o patriarca nos contos de Claire Keegan.** 2009. Trabalho de Graduação Individual. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

It will be analyzed throughout this monograph the short story “Men and Women” extracted from the collection *Antarctica* by the contemporary Irish writer Claire Keegan. Here, the writer portrays the perspective of a woman who resist to the patriarchal familiar structure in a moment of transition from rural to urban society in Irish history. The tension provoked by this ambivalence in which women are kept to the private realm and men can freely transit from the private to the public realms of contemporary Irish society is portrayed in many of Claire Keegan’s short stories. In “Men and Women” the focus is on a rural family that is experiencing this process of dismantling the ‘patriarchal conservatism’. The main question is: is which way the maintenance of certain traditional values (re)shapes the identity of the modern Irish woman?

Keywords: Ireland; Claire Keegan; woman; patriarchy.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Parte homem; parte mulher.....	11
Homem e mulher : diferenças e desigualdades.....	22
Reconstrução da subjetividade feminina.....	35
Conclusão	45
Referências bibliográficas.....	48

Introdução

A escritora irlandesa contemporânea, Claire Keegan, retrata em muitos de seus contos uma certa ambivalência existente, principalmente no interior da Irlanda, no que se refere a posição da mulher em uma sociedade que mesmo sob influência do mundo moderno, industrial e tecnológico, ainda é submetida a uma estrutura familiar patriarcal em que a mulher é mantida na esfera privada do lar e o homem transita e participa ativamente da esfera pública da sociedade.

A análise a seguir visa a exposição dessa submissão feminina a partir do ponto de vista da narradora do conto de Claire Keegan, "Men and Women". Tal conto se passa no interior da Irlanda nos anos 60, justamente um período em que o país se abria para novos investimentos e passava por um processo de industrialização.

É relevante ressaltar aqui o porquê da escolha do conto como gênero literário para análise. O conto é, segundo o contista irlandês Frank O'Connor, a melhor maneira de expressar a modernidade já que é uma forma literária efêmera. Em *The Lonely Voice: A Study of the Short Story*, O'Connor faz um estudo da forma conto em que ele expõe suas melhores teorias do gênero e discute a obra dos contistas mais influentes. No trecho a seguir ele explica melhor sua concepção do conto:

The short story, like the novel, is a modern art form; that is to say, it represents, better than poetry or drama, our own attitude to life. The technique which both have

acquired was the product of a critical, scientific age, and we recognize the merits of a short story much as we recognize the merits of a novel in terms of plausibility.¹⁰

O conto seria então, segundo O'Connor, uma melhor expressão da realidade já que conseguimos observar mais elementos verossimilhantes do que na poesia ou no teatro.

Um outro crítico do conto, Ricardo Piglia, que apesar de pertencer a um contexto e época diferentes de O'Connor, pode estabelecer um diálogo com O'Connor referente ao gênero detalhando elementos da estrutura do conto que o fazem ser mais moderno do que outras formas literárias.

Na análise que Piglia faz sobre o conto em *Teses sobre o conto*, ele diz:

Primeira tese: um conto sempre conta duas histórias. O conto clássico (Poe, Quiroga) narra em primeiro plano a história 1 e constrói em segredo a história 2. A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Uma história visível esconde uma história secreta, narrada de um modo elíptico e fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o

¹⁰ “ O conto, assim como a novela, é uma forma de arte moderna. Isso que dizer que representa, melhor que a poesia ou o teatro, nossa própria atitude de vida. A técnica que ambos adquiriram foi produto de uma era crítica e científica, e reconhecemos os méritos de um conto muito mais do que os méritos de uma novela em termos de plausibilidade.” (tradução minha)

final da história secreta aparece na superfície.

Sendo assim, segundo Piglia, o contista narra primeiramente a história 1, que seria simplesmente a narrativa em seu primeiro plano. Porém, subtendida a essa história 1, encontra-se a história 2, que explicitaria outros pontos de vista ou outros aspectos da vida narrada tais como social, moral, histórico, entre muitos outros.

O'Connor acrescenta à teoria do conto o termo “the submerged population group”¹². Tal termo é usado para caracterizar aqueles indivíduos que, por qualquer motivo, são deixados à margem da sociedade, e, de acordo com o escritor, esse é o elemento mais marcante do gênero.

Com base nessas teorias sobre o conto brevemente apresentadas, nessa análise, o foco será dado ao conto “Men and Women”, do livro *Antarctica (1999)* de Claire Keegan.

Esse conto retrata uma mulher que já não quer mais fazer parte de uma estrutura familiar patriarcal em um momento de transição do rural para o urbano. É interessante ressaltar que tal representação se dá a partir do ponto de vista da narradora que é filha da mulher em processo de libertação de seu patriarca. Tal libertação se dá através da exposição de uma família rural que sofre o processo de desestruturação do ‘conservadorismo patriarcal’ e de uma velada supremacia matriarcal.

Esse processo se reflete na narrativa, especialmente na estrutura do conto, que têm como história 1 a narrativa de uma garota sobre sua família sendo desestruturada já que ela descobre que o pai é adúltero e, como

² “O grupo da população submersa” (tradução minha)

história 2, a libertação feminina da sociedade patriarcal ocorrida nos movimentos de modernização dos anos 60 através da narrativa de sua mãe.

O grupo das mulheres oprimido por uma sociedade dominada por homens seria o que O'Connor chama de "população submersa", ou seja, aquela que se encontra excluída da sociedade.

Retomando as idéias de Piglia sobre história 1 e história 2 em *Teses sobre o conto*:

Cada uma das duas histórias é contada de maneira diferente. Trabalhar com duas histórias significa trabalhar com dois sistemas diversos de causalidade. Os mesmos acontecimentos entram simultaneamente em duas lógicas narrativas antagônicas. Os elementos essenciais de um conto têm dupla função e são utilizados de maneira diferente em cada uma das duas histórias.

A escritora Claire Keegan retrata com facilidade os espaços rurais de seus contos já que ela mesma viveu em uma fazenda em Wicklow, no interior da Irlanda, e teve uma família de base patriarcal e em muitos pontos conservadora. Em sua obra, a escritora costuma narrar com uma simplicidade aparente os dramas sociais presentes nos espaços rurais de seus contos desconstruindo a unidade familiar. Suas histórias são como versões adultas dos contos de fada, já que ela trata de temas sempre muito delicados tais como dor, alegria, ódio, traição e amor com a mesma calma e um estilo sempre sutil, capaz de dizer as maiores atrocidades ou felicidades com um

estilo sereno e simples.

Sua escrita ácida provoca um novo olhar para a mulher a partir de um ponto de vista contemporâneo, e, apesar de ser uma autora cosmopolita, tem um olhar a partir da sociedade rural irlandesa, e explora esses contrastes de realidades sobrepondo o que Piglia chama de história 1 e história 2.

Claire Keegan publicou *Antarctica* em 1999 e ainda não há traduções para o português (apenas recentemente houve uma tradução para o espanhol). Sendo assim, devido ao pouco tempo de publicação e inexistência de traduções, a autora não é estudada no Brasil, não sendo conhecida nenhuma pesquisa acadêmica referente a ela. Daí a relevância dessa análise que visa expor um ponto de vista inovador de uma escritora contemporânea, bem sucedida em países de língua inglesa porém não propriamente conhecida pela crítica literária brasileira.

O presente trabalho se desenvolveu a partir de leituras da bibliografia específica da autora e da fortuna crítica, assim como do contexto histórico-social da Irlanda para comprovar a hipótese de que a autora expõe representações da mulher contemporânea em seus contos a partir de suas respectivas realidades.

Dado isso, pergunta-se: em que medida a manutenção de certos valores e tradições do passado (re)constrói a identidade da mulher na Irlanda contemporânea? Além do mais, de que forma a vida pós-moderna influencia a função da mulher na sociedade?

Parte homem; parte mulher

Os anos 60 foram marcados por grandes mudanças econômicas, industriais e tecnológicas não só na sociedade irlandesa especificamente como também nas sociedades de todo o mundo ocidental. Foi nesse período que a industrialização e a modernização foram elevadas a um ritmo bem mais acelerado e nessa mesma época as consequências desse “boom” industrial foram sentidas de uma forma mais impactante por diferentes esferas das sociedades ocidentais.

A Irlanda, que desde sua independência em 1922 era governada por militantes republicanos e conservadores, passou por esse momento de forte modernização durante os anos 60 o qual causou muitas mudanças. Declan Kiberd fala sobre alguns dos efeitos desse movimento nos anos 60 em *Inventing Ireland: The Literature of the Modern Nation*:

The pace of modernization in the 1960s astonished many and no area of Irish life was left untouched. Between 1960 and 1969 over 350 manufacturing enterprises came from overseas to take advantage of the attractive terms offered by the government. (p.565) ¹

¹ “O ritmo tomado pela modernização dos anos 60 surpreendeu muitos e nenhuma área da vida irlandesa permaneceu intacta. Entre 1960 e 1969 mais de 350 fábricas ultramarinas vieram para usufruir das vantagens e condições oferecidas pelo governo.” (tradução minha).

Kiberd trata no trecho citado, do período que abrange esse grande surto de modernização que ocorreu nos anos 60 e que foi extremamente relevante para a sociedade irlandesa, haja visto a modificação da estrutura social que o mesmo provocou. Uma sociedade que até então era basicamente rural passou, em um curto espaço de tempo, a ser significativamente industrial.

Todavia, essa abertura ao capital externo não se deve simplesmente a influência da potência americana sob os países ocidentais como um todo. Os anos 50 já haviam sido problemáticos para a economia irlandesa e o país que vinha apoiando o nacionalismo e o conservadorismo de um dos seus mais notáveis presidentes, Eamon de Valera, desde a sua independência, e também vinha tentando ajudar as indústrias locais desde então, se viu obrigado a abrir sua economia para o investimento estrangeiro e se adaptar aos valores capitalistas do mundo moderno/contemporâneo.

Terence Brown discute a importância desse período para os irlandeses em *Ireland: A Social and Cultural History (1922 – 2002)*.

The period from 1958 to 1963, when the First Programme for Economic Expansion was succeeded by the Second, soon became almost legendary years in Irish self-understanding. Irish men and women believe that those five years represented a major turning-point in Irish fortunes. (p.230) ²

² “O período entre 1958 e 1963, quando o Primeiro Programa de Expansão Econômica foi sucedido pelo segundo, logo se tornou legendário para o próprio entendimento da Irlanda.

Esse movimento de transição do rural para o urbano (ou industrial) foi extremamente impactante pois não modificou somente a economia do país, mas também várias outras esferas da estrutura social irlandesa.

Dentre essas mudanças, pode ser primeiramente observado o aumento populacional na região urbana, a ascensão da mídia e, conseqüentemente, do consumismo, e muitas outras mudanças que modificariam a estrutura social irlandesa de forma profunda e, até então, inovadora. O êxodo rural foi resultado desse momento histórico em que estava havendo um grande declínio das atividades no campo e uma ampla oportunidade de trabalho na cidade, fazendo com que houvesse um inchaço populacional nas regiões urbanas.

Brown discute esse movimento dizendo que:

The modernizing virus was producing all kinds of symptoms which warranted close observation. The demographers could explore the changing patterns of population and fertility and the rapid urbanization of Irish society. (p.245).³

Irlandeses acreditam que aqueles cinco anos representaram a maior virada da sorte irlandesa.” (tradução minha)

³ “O vírus da modernidade estava produzindo vários tipos de sintomas que justificariam uma observação mais minuciosa. Demógrafos poderiam explorar as mudanças de padrões da população e a fertilidade e a rápida urbanização da sociedade irlandesa.” (tradução minha)

Essas mudanças trazidas pela modernização, aumentariam consideravelmente não só o índice populacional dos centros urbanos, por exemplo, mas também de seus vizinhos. Brown continua:

The counties of Kildare, Meath and Wicklow where new dormitory suburbs had been built to serve the city, recorded population increases of 34.9 percent, 26.6 percent and 26.4 percent respectively. (p.245) ⁴

Brown demonstra então que o impacto da modernização provocou um deslocamento da população rural extremamente relevante para a formação dos centros urbanos modernos que não estão localizados somente em Dublin como também nos condados vizinhos tais como Kildare, Meath e Wicklow.

É justamente em Wicklow, condado citado como um dos que mais tiveram aumento populacional na Irlanda dos anos 60, e que conseqüentemente vivenciou as mudanças oriundas da abertura econômica irlandesa para o capital externo, que nasceu a escritora Claire Keegan cuja obra será analisada a seguir.

Antarctica lançado em 1999 foi a sua primeira coletânea de contos e discute, na maioria dos casos, a questão do papel da mulher em uma sociedade moderna e, ao mesmo tempo, patriarcal.

⁴ “As regiões de Kildare, Meath e Wicklow onde foram construídos novos subúrbios que serviam de dormitórios para servir a cidade, registraram um aumento populacional de 34.9 por cento, 26.6 por cento e 26.4 por cento, respectivamente. “ (tradução minha)

Um desses contos, “Men and Women”, é narrado sob o ponto de vista de uma garota que está crescendo e está começando a entender o mundo adulto e, além disso, ela começa a perceber as distinções feitas pela sociedade entre homens e mulheres.

É relevante observar a maneira como o ponto de vista da garota se mostra no conto e como a partir disso ela retrata a vida de uma família rural patriarcal que está encarando esse momento de transição da história nacional irlandesa durante os anos 60.

Segundo Anatol Rosenfeld a respeito do personagem na ficção no texto “Literatura e Personagem”, extraído do livro *A personagem de ficção*:

Se reunirmos os vários momentos expostos, verificaremos que a grande obra-de-arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. (p.35)

Dessa forma, através da perspectiva da própria narradora que encontra-se em meio a uma fase histórico-social de mudanças, pode-se encontrar um importante ponto de vista da sociedade irlandesa e observar

que a personagem também está passando por uma fase de transição.

No conto, a narradora é uma garota que mora com sua família (seu pai, sua mãe e seu irmão) em um sítio, sendo a parte feminina da família responsável por todos os afazeres domésticos e assim sua participação fica restrita a esfera privada da sociedade, enquanto o pai cuida dos negócios e o irmão estuda, ou seja, os homens participam da esfera pública e possuem livre acesso tanto a esfera privada quanto pública.

Gabriella Calchi Novati em seu ensaio “Challenging Patriarchal Imagery: Amanda Coogan’s Performance Art” discute a Constituição Irlandesa de 1937 que tinha como objetivo delimitar a posição da mulher frente ao Estado que estava se formando, ela diz que:

Article 41.2.1 states that: ‘in particular, the State recognizes that by her life within the home, woman gives to the State a support without which the common good cannot be achieved,’ adding in 41.2.2 that ‘the State shall, therefore, endeavour to ensure that mothers shall not be obliged by economic necessity to engage in labour to the neglect of their duties in the home.’ While much legislation has been revised (equality in wages, contraception, etc), Article 41.2 remained unchanged in 2008, exemplifying the ‘phallogentric’ nature of the Irish Constitution” (182).

Dessa forma, de acordo com Novati, inegáveis conquistas foram alcançadas pelo movimento feminista irlandês ao longo da segunda metade do século XX em relação a Constituição de 1937. Porém, mesmo depois de tantos anos, o artigo 41 ainda foi mantido caracterizando a ainda existente

submissão feminina ante uma sociedade predominantemente patriarcal. Assim, o papel da mulher perante a lei e, conseqüentemente, ao Estado, ainda está resumido a maternidade e resguardado a esfera privada da sociedade.

Em “Men and Women”, a narradora observa que sua mãe não tem características que vinham sendo consideradas femininas pelo mundo moderno contemporâneo já que as duas fazem o serviço pesado do sítio e acabam tendo pouca ou nenhuma vaidade.

A garota compara a Mãe com uma vizinha chamada Bridie Knox, ela diz “Mammy is tall and thin, but the skin on her hands is hard. I wonder if someday she will look like Bridie Knox, become part man, part woman.” (p.125).

Já na abertura do conto, a narradora havia explicado o porquê considerar Bridie Knox parte homem, parte mulher: “Bridie wears red lipstick and face powder, but her hands are like a man’s hands. I think her head is wrong for her body, the way my dolls look when I swap their heads” (p.120).

Durante essas duas passagens, a narradora assume que sua mãe é “bonita” em sua opinião quando diz que ela é 'alta e magra', porém, quando compara com Bridie Knox, ela percebe que sua mãe não tem os traços femininos, não tem a vaidade, não usa a maquiagem que a sociedade moderna vinha promulgando através da televisão, rádio e cinema e que influencia a personagem Bridie Knox. Knox tem uma certa vaidade, mas ainda assim, suas mãos são como mãos de homem já que ela também faz os serviços pesados de seu sítio.

A imagem de Bridie Knox como um personagem que é parte homem,

parte mulher, ilustra perfeitamente o momento de transição enfrentado pela sociedade irlandesa nos anos 60 e 70 já que representa uma mulher com características da mulher moderna, que vinha sendo influenciada pela mídia (principalmente através da televisão) e pelo consumismo subsidiado principalmente pela influência da cultura americana. Porém, tal personagem que de certa forma está aberta ao mundo contemporâneo e que entende as mudanças ocorridas até então, ainda se encontra submetida ao modelo de família patriarcal e presa a esfera privada das relações sociais.

A diferença entre as duas personagens, segundo a narradora, é que Bridie Knox é viúva e portanto não faz parte de uma família patriarcal em seus moldes convencionais (embora muitas de suas atitudes ainda sejam conservadoras), enquanto sua mãe é casada com um homem que a mantém “colonizada” fazendo um paralelo com o contexto político irlandês que durante boa parte de sua história moderna foi dominada por forças políticas britânicas.

A seguir, a narradora expõe sob um ponto de vista infantil mas, ainda sim questionador, a relação entre seus pais:

I wish my father would get out, that the snow would be falling on him, not on my mother in her good clothes. I've seen other fathers holding their wives' coats, holding doors open, asking if they'd like anything at the shop, bringing home bars of chocolate and ripe pears even when they say no. But Da's not like that. (p.126)

No trecho citado, a narradora descreve a partida da família para uma festa de Ano Novo, ela conta que sua mãe foi abrir o portão enquanto seu pai esperava, sentado no carro. Há uma exposição dessa relação de seus pais realçando a inexistência do Amor idealizado pela garota. Pelo contrário, aqui a relação é baseada em um trato social (com vantagens exclusivas para o homem) e não um relacionamento amoroso.

No trecho seguinte, ela descreve uma outra situação que deixa mais claro qual é a sua visão a respeito da relação de seus pais.

My parents do not kiss. In all my life, back as far as I remember, I have never seen them touch. Once I took a friend upstairs to show her the house. 'This is Mammy's room, and this is Daddy's room' I said. 'Your parents don't sleep in the same bed?' she said in a voice of pure amazement. And that was when I suspected that our family wasn't normal. (p.130)

Vale agora ressaltar que os pais são citados sempre como pai e mãe, eles nunca são nomeados pela narradora. Porém, estão sempre descritos com letras maiúsculas reforçando a idéia de que o conto é narrado sob o ponto de vista da narradora e portanto está sempre influenciado por ela. Não há objetividade no que se refere aos pais (não é uma narrativa que visa representar os pais irlandeses de forma geral). Há sempre o Pai e a Mãe da garota de forma extremamente subjetiva no que se refere a formação de sua própria identidade.

Sendo assim, de acordo com a narradora, não há demonstração de sentimentos próprios de família em sua casa já que não há união entre seus pais, não há solidariedade, não há amor paterno, materno ou filial, entre outros aspectos que revelam que essa família, em sua estrutura mais profunda, não segue a normalidade de outras famílias. Pelo contrário, a estrutura familiar convencional é mantida publicamente, mas dentro da esfera privada, dentro do lar, a Mãe, conscientemente, encontra-se completamente submetida ao poder do homem. Tal poder só é mantido porém por uma convenção.

A transição está então presente no conto “Men and Women” de Claire Keegan sob vários aspectos. Primeiro, pelo próprio momento histórico de transição do rural para o moderno (que não é dado diretamente ao leitor mas que pode ser percebido através de algumas citações que serão estudadas mais adiante).

Tal momento aconteceu na Irlanda a partir dos anos 60 e fez com que o país se tornasse mais moderno e, por conseguinte, menos nacionalista ao olhar para o continente europeu e, principalmente, para os Estados Unidos como modelo.

Em um trecho do conto, durante a festa de Ano Novo, todos estão dançando quando “Everybody stands for the national anthem. Da is wiping his forehead with a handkerchief and Seamus is panting because he's not used to the exercise” (p.130).

O hino nacional que nos tempos que seguiram o período da independência seria o momento mais importante da festa já que naquele período estavam todos juntos com o mesmo ideal de construir uma nação,

passa a ser simplesmente um momento de descanso para os que estavam dançando ao som da banda de Rock'n'Roll que acaba aqui representando os elementos de influência americana adentrando na área rural irlandesa.

Um outro aspecto relevante é retratado em todo momento através da fase de transição da narradora que está saindo de seu universo infantil para adentrar no mundo adulto.

Um terceiro aspecto e talvez, um dos mais relevantes, refere-se à imagem da personagem Bridie Knox que é parte homem e parte mulher no sentido de ter algumas vaidades mas ainda estando submissa a uma estrutura social patriarcal.

Bridies Knox é apresentada através da narrativa da garota e é a personagem que representa a situação em que a mulher se encontrava naquele período: consciente de sua feminilidade e de suas capacidades, porém sujeita a uma estrutura social patriarcal que privilegia os homens em detrimento das mulheres. A apresentação desse personagem pela narradora se torna então um dos primeiros aspectos referentes a estrutura do conto que remete ao processo de libertação da mulher. A exposição de uma personagem que é parte homem e parte mulher representa historicamente o reconhecimento da posição submissa e desigual da mulher frente ao homem. Tal reconhecimento faz parte dos principais movimentos feministas europeus que ganharam força ao longo dos anos 60 e que, mais tarde, vieram a colher frutos desse processo que passa a ser não só histórico como também social e, principalmente, político.

Homem e mulher : diferenças e desigualdades

“Men and Women” retrata a vida de uma garota que está crescendo e enquanto ela aprende sobre o universo adulto, ela acaba adentrando nele. Esse movimento de inserção em um novo mundo pode ser percebido em dois momentos principais do conto.

O primeiro se dá quando, na véspera do Natal, a narradora começa a desconfiar que Papai Noel não existe:

I go to the bed and have trouble sleeping. I am the only person in my class Santa Claus still visits. I know this because the master asked, 'Who does Santa Claus still come to?' and mine was the only hand raised. I'm different, but every year I feel there is a greater chance that he will not come, that I will become like the others.
(p.123)

Esse momento de transição é analisado sob o aspecto cultural já que a questão do Papai Noel envolve características relacionadas a uma tradição da sociedade ocidental cristã. Nesse trecho, a narradora sente que a maturidade está batendo a sua porta através desse aspecto e nota que ela já não é mais tão menina quanto no ano anterior.

O segundo momento que marca essa transição de garota para mulher já é de cunho moral pois é nesse trecho que ela perde a inocência e começa a perceber que de fato há algo de errado em sua família e que o pai é

assumidamente adúltero:

A slow waltz begins and Da walks across to Sarah Combs, who rises from the bench and takes her jacket off. Her shoulders are bare; I can see the top of her breasts. (p.128)

Enquanto a garota observa o Pai dançando com outra mulher e descreve certos aspectos físicos da mesma, ela nota também que há algo de estranho com sua mãe que está observando a dança e parece estar realmente muito triste:

Mammy is sitting with her handbag on her lap, watching. There is something sad about Mammy tonight; it is all around her like when a cow dies and the truck comes to take it away. (p.128)

É interessante ressaltar aqui a comparação que a garota faz a respeito de seu mundo natural (como quando uma vaca morre no sítio) e a tristeza que sua mãe está sentindo naquele momento em que vê o marido dançando com outra dando a entender que ela sabe que ele não está simplesmente dançando, mas que há algo por trás daquela dança. A primeira relação que a garota faz está ligada ao seu trabalho no sítio que seria seu mundo natural imediato. Tal associação se dá devido ao enclausuramento da personagem na privacidade do lar. Não seria possível fazer outras relações que não

pertencessem ao seu mundo privado já que esse universo é o único o qual ela está envolvida. Nem mesmo a religiosidade, fato constante dentro da tradição literária irlandesa por ter sido historicamente influenciada pela Igreja Católica, é mencionada pela narradora de “Men and Women”. Sendo assim, nem mesmo a ida a Missa – que é uma das poucas atividades públicas a qual a mulher irlandesa poderia eventualmente participar – é presente na realidade dessas duas personagens femininas do conto. Entende-se a partir disso que o lar, a esfera privada, funcionava para tais personagens como uma prisão. As duas estavam ausentes de todo e qualquer assunto que não se referisse ao lar.

Em seguida, há um pressentimento de que algo ruim está para acontecer e ela se prepara para consolar a mãe:

Something I don't fully understand is happening, as if a black cloud has drifted in and could burst and cause havoc. I go over and offer her my lemonade, but she just takes a little, dainty sip and thanks me. I give her half my haffle tickets, but she doesn't care. (p.128)

O trecho se encerra com a certeza da existência de adultério por parte do pai:

My father has his arms around Sarah Combs, dancing slow like slowness is what he wants.” (p.128)

Esses dois momentos, a descoberta que Papai Noel não existe e do adultério de seu pai, são cruciais para o entendimento do que está realmente acontecendo com a narradora já que ambos a empurram para o universo adulto. Junto com essas descobertas, a narradora demonstra a perda da inocência e acaba percebendo qual é o seu papel e o da sua mãe na família e também nota a sua condição de mulher naquela sociedade.

Ela e sua mãe são responsáveis por todos os afazeres do sítio em que eles vivem e elas abrem (literalmente e metaforicamente) todos os portões para os homens da casa.

My father takes me places. He has artificial hips, so he needs me to open gates. To reach our house you must drive up a long lane through a wood, open two sets of gates and close them behind you so the sheep won't escape to the road. I'm handy. (p.119)

A garota nota, porém, que quando o pai está dançando ele não sente o problema que ele tem nos quadris, ao passo que, para abrir os portões para que ele passe com o carro, a garota e mãe devem estar sempre prontas. Também esses portões representam como as mulheres se sentiam dentro deles, prisioneiras dos homens já que elas ficavam presas ao domínio público enquanto os homens transitavam livremente entre o público e o privado.

Sem a base de trabalho feminina da família, os negócios não andam e, conseqüentemente, a economia também não anda. Sendo assim, o Pai é o responsável pelo dinheiro que, só existe, através do trabalho das mulheres da

família. Aos poucos a narradora reconhece que a família que aparentemente é patriarcal é mantida pelas mulheres.

A narradora logo nota as diferenças feitas entre homens e mulheres, não só na sua família como em toda sociedade. Esse fator é percebido através do comportamento do Pai a respeito de seu irmão:

My brother is going to be somebody, so he doesn't open gates or clean up shite or carry buckets. All he does is read and write and draw triangles with special pencils Da buys him for mechanical drawing. He is the brain in the family. (p.121)

Dessa forma, na concepção de seu Pai dentro da narrativa (e na concepção do Estado irlandês dentro de um contexto histórico-político), o irmão deve estudar e ela, que é uma mulher, deve cuidar dos afazeres domésticos para que a economia da família vá bem e a estrutura patriarcal se mantenha.

Em um outro momento, ela começa a encarar essas diferenças como desigualdades. Em um trecho, ela e a Mãe estão trabalhando enquanto os homens descansam, ela contesta: “How come they do nothing? I ask her. I am reaching into warm straw, feeling for eggs. The hens lay less in winter. 'They are men', she says, as if this explains everything.” (p.124)

Sob a perspectiva da narradora observa-se que assim que as mulheres começam a notar o seu verdadeiro papel na família e, conseqüentemente, na sociedade irlandesa, elas reconhecem a importância da mulher nesse

contexto e começam a mudar e a encarar as relações com os homens de uma forma diferente.

Com o crescimento populacional e a maior concentração nas cidades houve uma necessidade de desenvolvimento dos meios de comunicação em massa e a televisão, de acordo do Brown, “ was without doubt a major instrument in Ireland’s conversion to consumerism. RTE, the national station, was opened in 1962.”(p.249)⁵.

Portanto, a televisão (e outros meios não tão abrangentes mas de igual relevância tal como o rádio e o jornal) foram responsáveis por boa parte do aumento de consumismo, que viria a ser pouco depois considerado uma das características mais marcantes do mundo contemporâneo ocidental.

Brown discute mais esse aspecto da ascensão do consumismo levando em consideração a juventude que se formava naquele período:

A lengthy schooling protracted youth well into late adolescence, and a new social group was created, composed of young adults who had largely escaped parental direction but had not yet entered the workforce. In Ireland, as elsewhere in the postwar period, this resulted in the development of a constituency of young people in which consumerism was encouraged in magazines, television advertisements, and the

⁵ “foi sem dúvida o maior instrumento na conversão irlandesa para o consumismo. RTE, o canal nacional, foi aberto em 1962.” (tradução minha)

faddishness of the popular music industry. (p.248) ⁶

Dessa forma, a sociedade que até pouco tempo era de base rural, conservadora, nacionalista e com uma estrutura familiar basicamente patriarcal, se transformou. Em cerca de pouco mais que uma década, a Irlanda passou a ter uma sociedade com a formação de um novo grupo social predominantemente jovem, moderno e, por assim dizer, com metas globalizadoras. Esses novos valores penetraram nos centros urbanos e, aos poucos, chegaram a comunidades rurais.

O impacto da entrada desses novos valores na sociedade rural foi enorme e mudou drasticamente o cotidiano das pessoas que, em um curto espaço de tempo, tiveram que se adaptar a uma sociedade cada vez mais mecânica e menos artesanal.

No conto, a presença da televisão como agente transformador é extremamente relevante:

On Tuesdays she makes a big pot of tea before eight o'clock and sits at the range and glues herself to the

⁶ “O aumento da escolaridade prolongou a juventude até uma adolescência mais tardia e um novo grupo social foi criado, composto por jovens adultos que haviam escapado das orientações dos pais mais ainda não haviam entrado no mercado de trabalho. Na Irlanda, como em qualquer outro lugar no período pós-guerra, isso resultou no desenvolvimento de um campo eleitoral dos jovens em que o consumismo foi incentivado em revistas, propagandas de televisão e no modismo da indústria da música popular.” (tradução minha)

programme where a man teaches a woman how to drive a car. Except for a rough woman up behind the hill who drives a tractor and a Protestant woman in the town, no woman we know drives. (p.122)

A narradora cita um momento de sua mãe que poderia ser considerado tipicamente feminino em uma sociedade patriarcal conservadora: ela faz chá e se prepara para assistir TV. Porém, a surpresa se dá quando ela explica o propósito que é o de assistir um programa que ensina a dirigir e completa dizendo que apenas duas mulheres que elas conhecem – uma bruta ou rude no sentido de não possuir traços considerados femininos como delicadeza e educação (ou seja, ela é um 'homem'), e a outra é uma Protestante e por assim dizer moderna, ou pelo menos não tão conservadora quanto as Católicas – são capazes de dirigir.

O carro, os eletrodomésticos e a televisão são, entre muitos outros produtos, advindos do avanço da tecnologia e são grandes exemplos de máquinas que provocaram intervenções diretas na vida das pessoas.

Nesse sentido, Brown revela que:

The attitudes and values of urban consumerism and the social forms of the nuclear family penetrated the countryside as prosperity increased and television, the motor-car, and secondary level schooling altered the patterns of daily life. Such of the customary social relations of the countryside as had survived into recent

times almost disappeared, declining under the impact of mechanization. (p.250) ⁷

Sob essa ótica, observa-se que a Mãe quer aprender a dirigir não só para se tornar moderna e urbana, mas, principalmente para mostrar que é capaz de fazer aquilo que o marido a proíbe e se colocar em uma posição de igualdade e não mais de submissão em relação ao homem. Dentro do contexto do conto, a TV e o carro se apresentam como tecnologias fundamentais para a transformação dessa estrutura familiar e, paralelamente, são meios diretos e indiretos de promulgação dos ideias feministas emergentes do mesmo período.

A garota observa os sonhos da Mãe e também começa a demonstrar seus próprios sonhos de igualdade:

I wish I could sit beside the fire and be called up to dinner and draw triangles, lick the nibs of special pencils, sit behind the wheel of a car and have someone open gates that I could drive through. Vrum! Vrum!. (p.125)

⁷ “Atitudes como a valorização do consumismo urbano e as formas sociais de família nuclear penetraram no campo assim como o aumento da prosperidade e da televisão, o carro e a escolaridade de nível secundário alteraram os padrões da vida cotidiana. As relações sociais habituais do espaço rural que haviam sobrevivido até pouco tempo, quase desapareceram devido ao impacto da mecanização.” (tradução minha)

A Mãe gostaria de estar em uma posição de igualdade em relação ao seu marido, e a garota quer estar em posição de igualdade com seu irmão já que ela diz que gostaria de ter os mesmos benefícios e matérias para poder estudar, dirigir e principalmente, ela gostaria de ter alguém que abrisse os portões para ela.

Nesse momento de transição, as mulheres passam a ter uma noção mais clara do seu real papel da sociedade irlandesa moderna e não ficam satisfeitas na situação em que se encontram.

A questão é que, nessa família, o Pai faz todas as negociações usando o carro, mas a garota é quem abre os portões para que ele entre e saia da propriedade com o carro, é ela quem cuida dos animais e faz todos os trabalhos pesados do rancho junto com a sua Mãe. Entretanto, a maior tensão surge quando a narradora demonstra que enquanto elas trabalham, o Pai está cometendo adultério e o irmão, que tem todos os privilégios, finge que estuda.

Santa does not come to Seamus anymore. I suspect he knows that Seamus is really doing all those evenings in the sitting room, reading 'Hit'n'Run' magazines and drinking the red lemonade out of the sideboard, not using his brains at all. (p.123)

O sentimento de total insatisfação de suas condições culmina com uma reação das mulheres, com uma libertação. A garota narra que quando a família está voltando para casa depois da festa de Ano Novo (que é onde o

adultério do marido se torna algo explícito para a garota e também para a Mãe), o Pai chega na porta do rancho e aguarda que a esposa abra o portão. Ela, surpreendentemente, nega. Ele, nervoso, pede para a filha, que com uma reação completamente inesperada, o ignora. Ele, furioso, pede para o filho, que também nega por se considerar superior. O Pai então começa a cantarolar uma música ("Far away in Australia") e faz algo que até então ele nunca havia feito segundo a narradora: desce do carro para abrir o portão.

Segue a letra da música que será de sumária importância para o entendimento das seguintes ações das personagens:

Far Away In Australia

"Sweetheart, I'm bidding you fond farewell!"

Murmured a youth one day,

"I'm off to a new land my fortune to try

And I'm ready to sail away."

Far away in Australia

Soon will fate be kind -

And I will be ready to welcome the lass,

The girl I left behind.

"Must we be parted?" his fair one cried,

"I cannot let you go!"

"Still I must leave you," the young man replied,

"But for only a while you know!"

"Whether in success or failure,

I will always be true.

Proudly each day in that land far away
I'll be building a home for you."
Daily she waits at the old cottage gate,
Watching the whole day through,
Till that sweet message comes over the wave
And in the new world they're joined as two.

Considerando os aspectos da canção acima observada, nota-se que “Far away in Australia” narra uma história de emigração, elemento presente na cultura irlandesa do século XIX , e de um amor realmente verdadeiro.

A canção se inicia explicitando que o homem irá partir e que terá que abandonar sua amada. Porém, ele deixa claro que tem esperança de resgatá-la quando diz “And I will be ready to welcome the lass, The girl I left behind.” Há uma enorme tristeza por parte da mulher na narrativa da canção que parecia não estar esperando por aquela separação “I cannot let you go!”. Ela diz que não pode deixá-lo ir já que o ama tanto. Ele a deixa então com uma promessa que irá voltar quando diz “But for only a while you know!” e faz um voto de fidelidade “Whether in success or failure, I will always be true”.

Em meio a tristeza da partida e a esperança do reencontro, a canção termina com a realização desse amor “Till that sweet message comes over the wave and in the new world they're joined as two.” já que o homem foi para Austrália, fez uma nova vida e envia uma carta a sua amada para se reencontrar no novo mundo.

Continuando a narrativa do conto, a garota se confronta com a canção romântica cantada pelo pai e a sua realidade cruel. Ela conta que enquanto o

Pai abre o portão, a Mãe repentinamente assume o controle do carro, começa a dirigir de acordo com as aulas que ela havia assistido no programa de televisão e o deixa pra trás.

Considerando a música que ele cantarola e a atitude que a mulher toma, pode-se se fazer uma analogia, mas no caminho inverso, já que no conto não é o homem que abandona a mulher para tentar uma nova vida. Ao contrário, no conto “Men and Women”, a mulher deixa o homem para trás para, dessa vez, ela tentar uma nova vida, uma nova sorte em uma nova terra, longe das desigualdades e diferenças feitas no interior da família patriarcal até então.

Essa nova terra para a qual ela estava indo não seria em um diferente espaço do que eles estavam e sim seria a Irlanda moderna que estava se formando. A Mãe recusa o poder patriarcal familiar que até então vinha reprimindo a mulher e a deixando subjugada ao Pai. Tal ação encerra o conto remetendo ao ápice do movimento de libertação feminina na história irlandesa que vinha sendo contruído desde o início da narrativa.

Reconstrução da subjetividade feminina

O conto “Men and Women” se passa em um momento histórico irlandês de infiltração de novos valores advindos da abertura econômica dos anos 60 no qual a família conservadora e de estrutura patriarcal começou a ser discutida e a perder o seu espaço.

A mulher passou a repensar no seu papel social e surge aí uma tensão. Brown cita dois nomes no campo da arte que transpuseram essa ambivalência para o campo da literatura:

Brian Friel’s play seemed to serve notice that in Ireland’s post-colonial experience the energies of women could not easily be contained in conventional, patriarchal versions of the social order and that Irish society would ignore such a force at its peril. John McGahern, in *Amongst Women* – showed a powerful study of the pain of love in a flawed familial world, the novel quickly took on the significance of parable and prophecy in a decade when politics and social and cultural life would be marked by major changes in Irish power relations in which gender and sexuality would play a crucial role. (p.356) ⁸

⁸ “A peça de Brian Friel parecia ter percebido que na experiência pós-colonial irlandesa, a energia das mulheres não poderia ser facilmente contida no convencional, em versões patriarcais da ordem social e que a sociedade irlandesa ignoraria essa força em sua conta e risco. John McGahern, em *Amongst women* mostrou um estudo poderoso da dor de amor em um mundo familiar imperfeito. O romance tomou rapidamente o significado da

Brian Friel nasceu em 1929 em Omagh, na Irlanda do Norte e tem sido considerado um dos maiores dramaturgos irlandeses de sua geração. Suas peças lidam com a questão da identidade irlandesa, a noção da verdade e da comunicação (ou falta de) que é muito explorada através da linguagem. A peça de Friel acima citada, lida justamente com a questão da identidade da nova mulher que estava se formando ou sendo reconstruída a partir dos novos valores que foram inseridos na sociedade conservadora irlandesa.

John McGahern nasceu em Dublin em 1934. *Amongst Women* é sua quinta novela e retrata a história de Michael Moran, um veterano do IRA da guerra da independência irlandesa e da guerra civil, que agora domina sua família em um ambiente rural. O livro é notável pelo seu retrato detalhado que busca compreender um protagonista severo, idealista, republicano e conservador. Moran detesta os cidadãos que agora destroem, segundo seu ponto de vista, o país que ele lutou para construir.

O personagem Michael Moran de McGahern demonstra, mais uma vez, a alternância de valores e de poder que ocorreu na sociedade irlandesa com a chegada da modernidade. Em *Amongst Women*, a casa pode ser aparentemente comandada pelo seu patriarca, Michael Moran, porém, através da narrativa nota-se que esse domínio é apenas aparente: Moran está “entre mulheres” e são elas que comandam (ou melhor, guiam a família).

parábola e da profecia em uma década em que a política e a vida cultural e social seriam marcadas por grandes mudanças nas relações de poder na Irlanda na qual gênero e sexualidade teriam um papel crucial.” (tradução minha)

A olho nu observa-se uma família patriarcal, mas em uma observação mais profunda, nota-se uma família matriarcal.

Mary Lavin e Elizabeth Bowen também propuseram grandes representações da mulher na literatura irlandesa do século XX. Mary Lavin foi uma notável contista irlandesa e é considerada pioneira já que abriu caminho para as mulheres no mundo das Letras irlandesas que até então era tradicionalmente dominado pelos homens. Seus contos retratavam frequentemente problemáticas feministas em relação a primazia da igreja católica romana e de seus abusos na sociedade irlandesa.

Já Bowen lida em seus contos com temas como inocência e traição face ao mundo moderno representando a “nova mulher” que estava se formando em oposição os “anjo do lar” vitoriano. Em uma época de transição, Bowen retratou em seus contos as mudanças que ocorriam, principalmente nas relações sociais, no início do século XX. Mudanças essas que se tornaram fundamentais para a compreensão do nosso tempo.

Essa nova Irlanda que se formava nos anos 60, que era moderna, urbana, capitalista e com constantes avanços tecnológicos, considerava que cada indivíduo era responsável por escrever a sua história e, conseqüentemente, cada um era capaz de fazer sua riqueza. Esse pensamento, porém, está muito distante da Irlanda que sonhou com a independência (e a realizou de forma conjunta) e se manteve nacionalista e em muitos pontos conservadora nos tempos em que Eamon de Valera era o líder governamental.

O papel da mulher foi muito discutido nessa nova sociedade e Mary Robinson, que foi Primeira Ministra entre 1990 e 1997, simbolizou a nova

mulher irlandesa que vinha sendo reivindicada pelos movimentos feministas desde a década de 60. Segundo Brown, ela simbolizou uma mulher irlandesa

highly capable in professional life, liberal in social attitudes, politically adroit, even tough, but bringing to public affairs a true appreciation of how the human dimension must always be respected. (p.361) ⁹

A mulher então foi aos poucos conseguindo ganhar espaço na esfera pública nessa sociedade moderna que vinha se formando a partir dos anos 60. Contudo, a família como núcleo foi uma das poucas estruturas da sociedade irlandesa que resistiram ao movimento de transição entre o rural para o urbano fazendo com que homens e mulheres, mesmo que implicitamente, tenham mantido o modelo patriarcal.

Tal modelo, como já foi explicado anteriormente, há muito não se encaixa na vida da mulher contemporânea que, frequentemente, cria meios e estratégias para se libertar dessa estrutura tão fortemente demarcada. A história de “Men and Women” de Claire Keegan se encerra, segundo a narradora, com a libertação feminina já que a Mãe se desvencilha das ordens do Pai e o abandona.

Em uma palestra durante uma visita ao Brasil dada na Faculdade de

⁹ “Altamente capacitada na vida profissional, liberal em atitudes sociais, politicamente hábil e, mesmo arduamente, trazendo para a coisa pública uma verdadeira avaliação de como a dimensão humana deve sempre ser.” (tradução minha)

Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo em novembro de 2008, a própria Claire Keegan explica a estrutura peculiar de seus contos. Segundo ela, suas narrativas seguem o modelo convencional em que há um começo, um meio e um fim. Porém, seus contos se iniciam com o conflito em andamento (sem explicação do que pode ter ocorrido antes) e se encerram após o clímax, não havendo então um desfecho para as suas histórias. Keegan focaliza o momento do conflito de um conto para que o seu fim seja resolvido pelo leitor, é ele quem fica responsável por achar uma saída (ou até mesmo uma continuidade) para o problema o qual foi exposto.

No caso de “Men and Women”, a crise se dá em um espaço rural em que a vinda da industrialização e modernidade transforma certas estruturas da sociedade e o conto se encerra com a Mãe (mulher) tomando o carro de seu marido e começando a guiar não só o carro como sua própria vida.

Historicamente, essa libertação representou um marco na luta feminista. A respeito dessa luta, Nuala Di Dhomhnaill ilustra esse momento em *The Field Day Anthology of Irish Women's Writing, Introduction: Contemporary Poetry*:

The image of the Feminine, which in Western discourse was until now artificially constructed and man-made, takes on a life of her own which is powerful and comprehensive and, with Medusa-like locks, arises out of the natural matrix where ‘a green leaf of language comes twisting out

of her mouth'.(p.175) ¹²

Dhomhnaill retrata no trecho citado a imagem da mulher moderna que estava surgindo, uma mulher que deixa de ser construída historicamente pelo homem e passa a ter o poder, passa a falar sobre si própria com independência. Porém, Dhomhnaill continua deixando bem claro que a mulher ainda não alcançou sua total liberdade e que ainda está submissa a uma estrutura social patriarcal por mais que tenha alcançado significantes avanços nesse sentido. Ela menciona que esse movimento foi extremamente lento e permanece em evolução até os dias de hoje, ela diz:

The Victorian Angel in the House whose demise was essential to women's creativity is still awarded pride of place in the Irish Constitution. Thus you will find women like Deirdre Brennan or Aine Miller, who have begun to write when their children were entirely, or nearly, grown up, or Maire Mhac ab tSaoi, whose poetic output decreased considerably for a period following her relatively later marriage.(p.177)¹³

¹² "A imagem do Feminino, que no discurso Ocidental era até então construída pelo homem de forma artificial, ganha vida própria agora poderosa e detalhada e, com cabelos de Medusa, surge fora de uma matriz natural onde 'uma folha verde de linguagem sai retorcida de sua boca'." (tradução minha)

¹³ "O Anjo do Lar vitoriano, cujo termino era essencial para o fluxo de criatividade da mulher,

Mas a pergunta que encerra o conto de Keegan e que convida o leitor a achar uma saída é: afinal, após a libertação do marido que a colonizava o que aconteceu com a mulher na Irlanda contemporânea? Ou de forma mais histórica, o que a mulher fez com a liberdade alcançada através do movimentos dos anos 60?

Nancy Fraser discute esses aspectos dos movimentos feministas em seu texto *Feminism, Capitalism and the cunning of history* dizendo,

It is often said that the movement's relative success in transforming culture stands in sharp contrasts with its relative failure to transform institutions. (p.98)¹⁴

Fraser defende que o movimento feminista dos anos 60 conseguiu transformar muito a sociedade no aspecto cultural, porém, as instituições, tal como a estrutura familiar patriarcal, não foram de fato transformadas.

Em vários contos do livro *Antarctica* está presente a temática da mulher sendo oprimida pela sociedade em diferentes níveis como o conto que é ainda considerado motivo de orgulho na constituição irlandesa. Você encontrará mulheres como Deirdre Brennan ou Aine Miller que só começaram a escrever quando suas crianças estavam inteiramente , ou quase crescidas, ou Maire Mhac ab tSaoi, cuja produção poética diminuiu consideravelmente no período que corresponde seu casamento relativamente tardio.” (tradução minha)

¹⁴ “Diz- se frequentemente que o sucesso relativo do movimento na transformação da cultura está em contraste com o fracasso na transformação de instituições.” (tradução minha)

leva o nome do livro e retrata a vida de uma mulher de classe média que tem vontade de dormir com um homem que não seja seu marido.

Em outro conto, “Love in the Tall Grass” uma mulher é a amante rejeitada espera por longos anos a realização do seu amor. Em “The Ginger Rogers Sermons”, uma garota do campo se envolve com um empregado de seu pai e tal relação tem seu desfecho em uma tragédia. Em “Quare name for a boy”, uma mulher engravida após um brevíssimo relacionamento e se vê obrigada a criar o seu filho sozinha.

A partir dessa antologia pode-se constatar a tese de Claire Keegan em sua palestra sobre a estrutura de seu contos já que todos eles se iniciam com o conflito e não possuem um desfecho definido, cabendo ao leitor solucionar os casos.

Voltando no conto que leva o nome do livro, “Antarctica”, em que Claire Keegan retrata uma típica dona de casa da sociedade irlandesa que, mais uma vez, quer escapar (nem que seja por um fim de semana) da estrutura familiar patriarcal na qual ela se encontra, nota-se uma subversão dessa submissão da mulher em relação à estrutura patriarcal. O conto se inicia da seguinte forma já com a proposição do conflito em andamento:

Every time the happily married woman went away she wondered how it would feel to sleep with another man. That weekend she was determined to find out. It was December; she felt a curtain closing on another year. She wanted to do this before she got too old. She was sure she would be disappointed. (p.3)

Esse conto inicia como um conto de fadas, porém às avessas, que retrata a vida de uma mulher casada que quer dormir com outro homem que não seja seu marido.

Em muitas das suas histórias, Keegan retrata uma mulher que se vê oprimida pela estrutura familiar patriarcal em que o homem tem o domínio das relações como no caso de “Men and Women”, em que a mulher tem que encontrar meios de se desvencilhar das forças opressoras masculinas presentes na sociedade irlandesa rural. Mas por outro lado, ao contrário da proposta dos movimentos feministas dos anos 60 citado por Nancy Fraser, a mulher também se encontra presa aos moldes estruturais propostos pela modernidade como é demonstrado no conto “Antarctica”.

Dessa forma, com base na análise da antologia de Claire Keegan, e principalmente através da leitura de “Men and Women” feita previamente, nota-se que houve uma certa libertação feminina em relação ao conservadorismo e nacionalismo irlandês o qual a mulher vinha se submetendo desde a formação do Estado irlandês independente. Tal libertação, porém, não pode ser vista como uma ruptura, como a própria análise da antologia completa sugere.

Houve sim uma mudança significativa, mas o movimento feminista dos anos 60, como Fraser menciona, fracassou em muitos aspectos. Dentro do próprio contexto irlandês, a posição da mulher, ainda que diacronicamente, está resguardado a esfera privada da vida social perante a lei.

Todavia, esse capítulo visa ilustrar a (re)construção da subjetividade da mulher irlandesa contemporânea a partir desses movimentos liberacionais que penetraram profundamente na sociedade irlandesa a partir da abertura

econômica ocorrida da Irlanda a partir dos anos 60 e concluir que, se tais movimentos não alçaram todos os seus objetivos como sugeriu Fraser, pode-se dizer que parte desses objetivos foram alcançados. Além do mais, levando em consideração a análise do conto de Claire Keegan dentro do contexto irlandês e sob a perspectiva da narradora ainda jovem, pode-se dizer que dentro da situação apresentada houve sim uma ruptura com a estrutura patriarcal e que, a partir de então, houve uma reconfiguração da construção da subjetividade dessa personagem feminina.

Conclusão

A análise se iniciou com a constatação do momento de transição que ocorreu no mundo ocidental nas décadas de 60 e 70. Tal transição refere-se ao período em que houve um movimento de grande industrialização cujas consequências afetaram as sociedades em suas esferas econômicas, sociais, culturais e etc. Houve um grande crescimento populacional, surgimento de novos centros urbanos, êxodo rural, meios de comunicação em massa se tornaram mais sofisticados e uma sociedade mais consumista, mais mecanizada e cada vez menos artesanal se formou. Na Irlanda, esses novos valores trazidos pela industrialização e pela modernização foram sentidos de forma impactante pelas pessoas já que esse país possuía até então uma sociedade de base rural.

É nesse momento de infiltração de novos valores que a família conservadora e de estrutura patriarcal começou a ser discutida, a perder o seu espaço e o papel da mulher dentro dessa estrutura social começou a ser repensado e a subjetividade feminina também passou por uma reconstrução.

Analizando a antologia *Antarctica* lançada em 1999 pela escritora irlandesa contemporânea Claire Keegan, nota-se, que em muitos de seus contos está presente a temática da mulher que começa a reconhecer as diferenças e desigualdades feitas entre homens e mulheres na sociedade irlandesa.

A partir da análise de um de seus contos especificamente, “Men and Women”, pode-se observar (segundo a teoria do conto de Piglia) a narração de duas histórias: a história 1 é narrada por uma jovem, moradora da zona

rural irlandesa nos anos 60, que ao longo da narrativa passa por um momento de transição de sua vida infantil para a vida adulta e a história 2 é a “narrada” por sua mãe que se vê submetida ao seu pai e que, ao final da narrativa, alcança sua liberdade.

Na história 1, a narrativa se inicia com o reconhecimento da narradora de uma personagem que, segundo ela, é parte homem e parte mulher. Em seguida, a narradora inicia um questionamento referente a sua posição dentro da estrutura familiar e da posição de seu irmão e seu pai. A narradora deixa o universo infantil quando, durante uma festa, reconhece o Pai como um adúltero. A (re)construção de sua subjetividade estritamente feminina acontece porém quando há uma intersecção entre a história 1, narrada pela protagonista e a história 2, narrada por sua mãe.

Na história 2, a Mãe reconhecesse sua submissão em relação ao marido porém com leves pitadas de subversão, como por exemplo quando a narradora cita que sua Mãe assiste a um programa de televisão que a ensina a dirigir (que até então era uma atividade masculina). Quando a Mãe vê sua vida privada sendo publicamente exposta (o Pai comete adultério em uma festa), ela decide não mais se manter subjulgada a essa estrutura que a vinha reprimindo. Ela então assume a direção do carro da família e deixa o Pai para trás. A Mãe passa a guiar sua própria vida.

Desta forma, tanto através da leitura da história 1 como da história 2, observa-se que ambas personagens tem suas subjetividades reconfiguradas a partir daquele momento e que há sim uma quebra da estrutura familiar patriarcal que havia sido apresentada no início da narrativa.

Assim, a revelação do papel da mulher na sociedade patriarcal se dá

em dois níveis operacionais, o da esposa sofrendo adultério por parte do marido e da filha mulher observando uma situação que escapa a sua compreensão mas que lhe dá certa consciência do conflito que é justamente o que possibilita a sua passagem de criança inocente para o mundo de percepções dos adultos. Diante dessa perspectiva, observa-se os mecanismos que as mulheres usaram para se libertar da opressão masculina. A partir de observações de outros contos da mesma autora, pode-se notar os mecanismos que as mulheres ainda usam para se desvencilhar de tal opressão.

Metaforicamente, o conto “Men and Women” também simboliza os passos dados pelos movimentos feministas da década de 60: primeiramente há um reconhecimento das desigualdades entre os gêneros. Depois, há um questionamento a respeito de tais desigualdades. E, por fim, há a libertação feminina de algumas correntes que mantinham a mulher irlandesa contemporânea presa em uma estrutura familiar patriarcal há anos tais como direito ao divórcio, ao uso de anticoncepcionais, a venda legal de preservativos e etc.

A análise feita a partir do conto “Men and Women” não pretende dar conta do que se sucedeu após essa libertação feminina que ocorreu nos anos 60, 70 e 80 (já que a própria narrativa se encerra com a libertação). O propósito aqui foi constatar que tais mudanças foram primordiais para a (re)construção da identidade e da subjetividade da nova mulher irlandesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRODERICK, Marian. *Wild Irish Women*. Dublin: The O'Brien Press, 2002.

BROWN, Terence. *Ireland: A Social and Cultural History (1922 – 2002)*. London: Harper Perennial, 2004.

DI DHOMHNAILL, Nuala. The Field Day Anthology of Irish Women's Writing, Introduction: Contemporary Poetry. In: *Selected Essays*. Dublin: New Island, 2005.

FRASER, Nancy. Feminism, Capitalism and the cunning of history. In: *New Left Review*. London, March/April 2009.

KEEGAN, Claire. *Antarctica*. London: Faber, 1999.

KEEGAN, Claire. *Walk the Blue Fields*. London: Faber, 2007.

KIBERD, Declan. *Inventing Ireland: The Literature of the Modern Nation*. London: Vintage, 1996.

Novati, Gabriella. "Challenging Patriarchal Imagery: Amanda Coogan's Performance Art." *Crossroads: performance studies and Irish culture*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009. 180 - 195.

MACY, Caitlin. All the Lonely People. In: *New York Times Review*. Sunday, July 29, 2001. Section 7 p. 10.

O'CONNOR, Frank. *The Lonely Voice: A Study of the Short Story*. Cleveland: The world publishing company, 1963.

PIGLIA, Ricardo. *Teses sobre o conto*. Caderno Mais, Folha de São Paulo, 30 de dezembro de 2001, p. 24.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.